



BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE
PROJETO DE MEMÓRIA ORAL

WALNICE NOGUEIRA GALVÃO

Hoje, 25 de março de 2008, a Biblioteca Mário de Andrade registra o depoimento da professora e crítica literária Walnice Nogueira Galvão para o projeto de Memória Oral da Instituição, iniciativa esta que vem sendo desenvolvida com o objetivo de resgatar a história da Mário de Andrade de uma forma matizada, através de narrativas orais dos seus mais diferentes protagonistas: antigos funcionários, diretores, colaboradores, pesquisadores artistas e intelectuais. Na direção de captação audiovisual deste registro, Sérgio Teichner e na condução do depoimento, Ana Elisa Antunes Viviani.

Ana Elisa Antunes Viviani: Professora, boa noite. Eu gostaria de iniciar este depoimento solicitando que você nos contasse um pouco sobre a sua origem familiar, as escolas em que estudou, sobre se alguém da sua família já tinha esse interesse por literatura.

Walnice Nogueira Galvão: Ah, sim, claro. Eu fui criada dentro de uma biblioteca. Meus pais eram grandes leitores e compradores de livros também, de modo que a leitura em casa foi estimulada desde a mais tenra idade. Eu sempre lembro do meu pai e da minha mãe lendo à noite em casa, cada um com o seu livro na mão. E os cinco filhos pegaram esse hábito também e se tornaram leitores. Eu fico muito contente de dizer que os meus netos também são bons leitores, apesar de viverem na época do audiovisual. Eles felizmente estão contaminados pelo vírus do livro e são leitores também.

O que acontece na minha relação, digamos escolar, com a Biblioteca Mário de Andrade é que eu fui fazer secundário no Mackenzie, que é pertinho da

Biblioteca, então meus primeiros contatos com a Biblioteca Mário de Andrade vêm do fato de eu estudar no Mackenzie. Eu precisei algumas vezes recorrer às coisas que eu não tinha em casa e tinha na Biblioteca e foi assim que eu me dirigi até àquela maravilha pela primeira vez.

Éramos cinco irmãos e os cinco estudavam no Mackenzie, era a maior família mackenzista. Eles tiravam fotografia da gente com o blusão branco, com o “M” aqui, para sair na revista do Mackenzie, porque era a maior “frátria” que tinha lá. Mas isso não é nada, quando eu fiz vestibular e entrei na Faculdade de Filosofia, foi só atravessar a rua. Embora isso tenha gerado, como vocês podem imaginar, uma esquizofrenia muito grande no futuro, quando as duas escolas se tornaram inimigas. Mas foi na Faculdade de Filosofia que eu comecei a freqüentar assiduamente a Biblioteca Mário de Andrade, como, aliás, todo mundo. Todo mundo que eu conhecia na faculdade estudava lá porque nossa biblioteca não era muito boa – hoje em dia é muito boa, mas não era muito boa, não tinha muita facilidade para estudos. E com a Biblioteca Mário de Andrade ali do lado, você ia a pé para a Biblioteca Mário de Andrade, eram alguns poucos quarteirões. Então eu estudei, aproveitei muito a Biblioteca Mário de Andrade lá.

E era engraçado porque eu ia para lá, como todo mundo, não só para estudar. Eu ia estudar, eu precisava da Biblioteca Mário de Andrade, mas encontrava todo mundo que eu conhecia lá. A maioria dos colegas da faculdade ia para lá também não só para estudar, mas para conversar, tomar café na esquina, esse tipo de coisa. Agora, como você sabe muito bem, você já deve ter ouvido falar várias vezes, havia o grupo dos “adoradores da estátua”. Eu não fazia parte desse grupo, mas vários amigos meus faziam. Esse grupo se reunia no pé da estátua todos os dias em uma determinada hora do fim da tarde. Esse grupo era conhecido. Mas acontece, também já devem ter te falado bastante a respeito disso, a Biblioteca Mário de Andrade fazia parte de um – como é que eu vou dizer? – de um conjunto orgânico que existia no centro da cidade, muita gente já deve ter te falado isso.

Mas, enfim, o fato de eu ter estudado no Mackenzie, o secundário, de ter estudado na faculdade no curso superior e freqüentar a Biblioteca não é à toa porque tudo o que se passava por essa época em São Paulo se passava no centro da cidade. Era lá que ficavam os cinemas, não havia cinema fora do centro. Lá



estavam os cinemas, lá estavam os teatros, lá estavam as exposições, lá ficava, como fica até hoje, aliás, o Teatro Municipal. Os bares, os principais bares da cidade ficavam no centro também. E havia a esticada nos bares que se fazia depois de estudar na Biblioteca e havia os bares especialmente ligados à Biblioteca. Havia ótimos bares no centro da cidade, os melhores, mas alguns eram ligados à Biblioteca, por exemplo, o Pari Bar, de saudosa memória, que foi fechado há muito pouco tempo e que ficava naquela rua que um lado é rua e o outro lado é o jardim da Biblioteca. Como se chama aquela rua que passa na traseira da Biblioteca?

AE: A Rua Marconi?

WNG: Não é a Marconi, a Marconi atravessa. É uma paralela à rua da frente da Biblioteca.

AE: Da Consolação?

WNG: É paralela à Consolação. Mas, enfim, ali ficava o Pari Bar, na calçada. Se você andasse sem atravessar rua nenhuma, se andasse pela São Luís, naquela calçada mesmo, mais um quarteirão, e você chegava no Arpège, que era outro bar ótimo, freqüentado pela turma da faculdade. E também teve, logo em seguida, todos os bares da Galeria Metrópole, que ficava ali também, nesse pedaço. Na esquina da Praça ainda tinha o Tourist Bar. As livrarias também ficavam no centro da cidade. Além da nossa escola, a Faculdade de Filosofia, a Faculdade de Arquitetura ficava pertinho dali, a Poli ficava perto dali, o Colégio Rio Branco ficava ali também, praticamente na traseira da Faculdade de Filosofia. De modo que o centro da cidade era um conjunto orgânico em plena florescência, era um lugar ótimo de se freqüentar e que se freqüentava todos os dias.

A decadência do centro da cidade começou depois e arrastou uma porção de coisas, arrastou ótimas livrarias que acabaram fechando, a última ainda foi a Duas Cidades, que fechou no ano passado, existiu até o ano passado. Os bares fecharam também. A freqüência da Biblioteca diminuiu evidentemente e a degradingolada do centro da cidade foi grande.



É uma pena porque é uma região encantadora com uma arquitetura extraordinária e que felizmente está sendo revitalizada. Já melhorou muito, já se conseguiu trazer uma frequência nova para a região toda, porque vocês sabem que o que destrói uma região é você expulsar a população, expulsar o morador. Os moradores começaram a ir embora porque estava degradingolando tudo. Agora o que se tem que fazer é trazer de volta, porque tem que ter criança, velho, jovem e gente madura vivendo ao mesmo tempo em um mesmo bairro, senão o bairro degradingola, em qualquer lugar do mundo. Eu penso que está melhorando, eu tenho muita esperança e muita fé de que um dia o centro da cidade seja totalmente recuperado, porque é lindo. Se você prestar atenção e cerrar um pouquinho os olhos para não ver que está tudo estragado, você vê que aquilo é uma beleza, com a Praça da República de um lado, o Viaduto do Chá de outro, o Anhangabaú passando, é muito bonito aquilo, os prédios são belíssimos também.

Bom, isso era só para dar uma idéia de como freqüentar a Biblioteca fazia parte da vida habitual do paulistano e que, para ir ao teatro, para ir ao cinema, para ir às livrarias, a gente passava na Biblioteca, não tinha jeito, compreende? Com a degradingolada do centro da cidade, com a decadência do centro da cidade é que essas coisas foram se dispersando e indo para mais longe, vamos dizer assim. Hoje eu não vou ao cinema no centro da cidade. Nem tem cinema no centro da cidade, os cinemas mais próximos estão na Avenida Paulista, na região da Paulista. Eu agradeço muito ao destino que me faz morar aqui e ter 33 cinemas na região da Paulista, o que é ótimo.

Eu gosto muito de biblioteca também. Freqüentei a Biblioteca Mário de Andrade em várias fases da minha vida. E de vez em quando eu volto, porque eu tenho alguma pesquisa especial para fazer. Há dois ou três anos, eu freqüentei intensamente de novo a Biblioteca, porque eu estava preparando, para a editora Global, uma antologia de poesia modernista e eu fui lá ler os modernistas de novo. Foi um prazer porque eu acho a Biblioteca Municipal linda. A Mário de Andrade é uma beleza.

Eu gosto de biblioteca com o pé direito altíssimo, daquele que você olha e não vê o teto, com estantes de madeira escura, envernizada, de boa qualidade, madeira de lei, com mesas com bastante espaço, com aqueles saguões enormes



para você andar, é disso que eu gosto. Eu não gosto de biblioteca muito modernizada. Posso até gostar, dependendo do caso, mas eu gosto de biblioteca com aura e eu penso que a Biblioteca Mário de Andrade, com todos os seus defeitos, tem uma aura incrível.

Quais são as bibliotecas de que eu mais gosto? Uma é a Biblioteca Mário de Andrade, sem dúvida nenhuma; outra é a Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro, que é uma maravilha, a melhor biblioteca do Brasil. E no Rio tem uma outra lindíssima, que é o Gabinete Português de Leitura, que é pequena, não oferece grandes maravilhas, mas ela é inteirinha trabalhada em madeira por dentro e é linda, é um prazer trabalhar lá. E, onde tem boas bibliotecas também, é na Bahia, porque a Bahia foi, por muito tempo, capital de colônia – Salvador foi capital da Colônia e do Vice-Reinado até meados do século XVIII. Então toda a documentação da Colônia e do Vice-Reinado, a parte inicial, está lá. É uma biblioteca imensa que ocupa um quarteirão inteiro, mas o prédio é moderno, o prédio foi, há poucos anos, construído e transferido um monte de coisa para lá, mas é uma biblioteca muito importante. Na Bahia, várias vezes eu tive a oportunidade de ir, por causa dos meus trabalhos, também têm muito dessas pequenas bibliotecas, como a do Instituto Histórico-Geográfico Brasileiro, que tem no Rio também, muito lindas, muito antigas, com aquele cheiro de papel velho. Eu acho uma delícia trabalhar em lugar assim. O Arquivo do Estado da Bahia é muito bom, o Arquivo Nacional no Rio também é bom. Enfim, não nos faltam bibliotecas.

Há algumas bibliotecas que são mais bonitas ainda do que a Biblioteca Nacional e a Biblioteca Mário de Andrade, são algumas bibliotecas européias. A Biblioteca Nacional de Paris, por exemplo, a antiga, que fica na *Rue Richelieu*, ela fica em um prédio oitocentista de mármore. Não tem como você não achar aquilo uma beleza, mas ela ainda não é a mais bonita. Eu gosto muito da Biblioteca do Museu Britânico, em Londres, que é uma biblioteca ótima, onde o Marx escreveu *O Capital*, sentado na cadeira catorze. Eu sentei na cadeira, um pouco de sacrilégio eu acho, até me arrependo, acho que não devia ter sentado, devia ter só olhado. É uma biblioteca muito bonita também, mas ainda não é tão linda. Eu penso que são duas bibliotecas que são as mais lindas do mundo. Uma é a *Bodleian* em Oxford, porque ela é gótica, mas é gótica de verdade, era do século XIII, XIV, por aí. Você olha para



o teto e ele é inteirinho trabalhado em nervuras góticas, uma coisa deslumbrante. E a outra é a chamada Biblioteca Joanina, em Coimbra, porque ela é manuelina, gótico manuelino, coisa deslumbrante, você não pode imaginar. Não quero desmerecer das bibliotecas norte-americanas que me foram muito úteis em muitas ocasiões, por exemplo, a Biblioteca do Congresso, que é a maior do mundo, parece que tem vinte milhões de livros. É a maior do mundo, mas eu não sei da China, porque na China tudo é maior, porque, se tem uma biblioteca de vinte milhões nos Estados Unidos, lá deve ter uma de duzentos milhões, isso eu não sei. Consta que a Biblioteca do Congresso é a maior do mundo. É uma maravilha, para trabalhar, é um prédio muito bonito do tipo da Municipal daqui, porque não é muito antigo, é coisa de cem anos atrás ou um pouco mais, no máximo, duzentos, então não são antiqüíssimas como essas que eu mencionei. A Joanina e a *Bodleian* são de antes de descobrirem o Brasil, para se ter uma idéia. A Biblioteca do Congresso é muito boa. A Biblioteca Pública de Nova Iorque é uma maravilha, é muito boa de trabalhar e ainda é parecida com a Biblioteca Mário de Andrade. Eu entro na Biblioteca Pública de Nova Iorque e digo assim: “Ai meu Deus, parece que eu estou em casa, na Biblioteca Mário de Andrade”. É muito boa também, são muito bem organizados, eles têm muito material. Há várias outras bibliotecas boas nos Estados Unidos, principalmente das universidades: a de *Havard*, a de *Yale*, a de Columbia e também a de Austin, Texas, que é um lugar onde eu dei aula. Essas que eu mencionei são ligadas às letras, à literatura, que é nisso que eu trabalho, mas a de Austin não é propriamente de literatura. Ela tem uma biblioteca enorme, excelente, de assuntos latino-americanos, que é uma coisa rara também de se ter. Em Berlim também tem uma, também latino-americana, que é a maior da Europa. Bom, você já viu que eu gosto mesmo de biblioteca.

E aqui eu gostaria de entrar em um outro assunto, que é impossível não tocar nisso quando se está falando de biblioteca. A Biblioteca Nacional e a Biblioteca Mário de Andrade, que são excelentes bibliotecas, elas estão há muitos anos abandonadas. Vocês se lembram quando a Marilena Chauí foi Secretária da Cultura, na gestão Erundina?

AE: Foi de 1988 a 1992.



WNG: Bom, a Marilena conseguiu uma verba enorme de cinco milhões de dólares para renovar o estoque da Biblioteca, e aí não era só para consertar o prédio, era realmente para comprar livro. E eu fui uma das muitas pessoas que foram chamadas para ajudar a fazer listas de livros dos catálogos. Imagina que maravilha! - você pega um catálogo na mão e pode comprar os livros para a Biblioteca. Foi um trabalho que eu fiz com muito gosto. Penso que todo mundo que trabalhou para isso, trabalhou sem ganhar um tostão, trabalhou com muito gosto e foi a última vez que se renovou o estoque da Biblioteca. Na altura em que eu trabalhei nesse projeto, fazia trinta anos que não se comprava livro e, de repente, a Biblioteca passou a ter vários livros novos, o que foi uma maravilha. Eu tornei a freqüentar a Biblioteca por causa disso.

Eu me lembro que eu fiquei muito espantada de ver que havia cinco milhões de dólares para fazer essa renovação da Biblioteca e eu fui perguntar ao Paul Singer que era o secretário do planejamento – ou da fazenda, mas enfim era o secretário do dinheiro – de onde tinha vindo aquele dinheiro, se era do BNDES¹ ou do Banco Mundial. Ele falou: “Não, é do orçamento”. Eu falei: “Como que é do orçamento se a Biblioteca está desse jeito, não compra livro há trinta anos?”. É do orçamento, mas a secretaria é da Cultura, Esportes e Turismo, então o dinheiro é sempre gasto com esportes e turismo, jamais com livro. Precisou ser a Erundina na Prefeitura e a Marilena na Secretaria para pegarem o dinheiro de Cultura, Esportes e Turismo e usarem para comprar livros. E de lá para cá me parece que...

AE: Houve uma compra no ano passado. Foi retomado o processo de aquisição de livros, foi um bom volume, bastante coisa.

WNG: Ah, que bom, que ótimo, fico muito contente. Porque acontece o seguinte: as pessoas podem pensar que o descaso com que se trata a Biblioteca Nacional e a Biblioteca Mário de Andrade, que são as duas maiores bibliotecas do Brasil, o descaso se deva à era eletrônica, quer dizer, todo mundo só quer saber de computador e ninguém quer mais saber de livro. Este é um ledor e perigosíssimo engano, porque o que se tem que ter em mente, quando se trata de biblioteca, é que

¹ BNDES: Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social.



a biblioteca é o principal; o secundário é o computador, é o eletrônico, é a internet. Então tem que botar o eletrônico a serviço da biblioteca e não vice-versa.

Você chega nessas bibliotecas que eu mencionei, fora do Brasil, qualquer uma delas está assim cheia de gente, você precisa esperar, fazer fila para consultar e, às vezes, voltar no dia seguinte, por quê? Porque estão todas informatizadas, então as pessoas que vão lá consultar, elas trabalham no computador. Não tem nenhum problema, não tem nenhuma incompatibilidade entre livro e computador, só que o computador está a serviço do livro. Então, aqui no Brasil não tem nenhuma biblioteca ainda informatizada. Eu uso muito a Biblioteca Nacional, no Rio. Eu gosto muito dela, para mim é uma ótima biblioteca, eu freqüento muito, vou lá semana que vem, mais uma vez. Escrevi muitos livros lá dentro, aliás, e também não está informatizada. O que é um absurdo porque, se uma biblioteca não entra na era eletrônica, ela morre. Eu hoje em dia vou à Biblioteca Mário de Andrade, eu fico numa tristeza porque ela está vazia. E eu lembro que eu tinha que fazer fila para conseguir entrar na biblioteca e não tinha lugar nas mesas, mas agora, hoje em dia, você vai lá e não tem ninguém, ou tem muita pouca gente, por quê? Porque não se fez o necessário, aquilo que a Igreja Católica chamou de ornamento, quer dizer, a atualização da Biblioteca, conforme a tecnologia moderna, isso tanto na Biblioteca Richelieu de Paris, como na Biblioteca do Congresso e na Biblioteca Pública de Nova Iorque. Está tudo informatizado. Quer dizer, é um trabalho infernal. É um dinheiro infernal? É, mas não tem outro jeito e é importante, porque você não pode jogar fora as bibliotecas. As bibliotecas conservam o maior patrimônio imaterial da humanidade, está lá guardado dentro delas, não dá para tratar mal.

Como que isso é feito? Eu vou dar o exemplo que eu conheço mais de perto, mais ou menos acompanhei quando estava fazendo, da Biblioteca Pública de Nova Iorque. Como você vai fazer, pegar aqueles milhões de livros da segunda maior biblioteca dos Estados Unidos e transformar e digitar todas as fichas? O que é que você faz? Você não imagina o que eles inventaram. Primeiro eles disseram: “Bom, de 1970 para trás, nós não vamos fazer nada, por enquanto”. Eles cortaram, impuseram um limite: “1970 está bom. De lá para cá a gente faz”. E para digitar todas as fichas? Eles não digitaram, eles xerocaram as fichas e encadernaram em grandes volumes. Então cabem três fichas de catálogo em cada página de um livrão,



um livro grande. E eles fizeram isso para a Biblioteca inteira. Comparado com o tempo que levaria a digitação, fizeram em um instante, quer dizer, em dois ou três anos, eles fizeram este trabalho - encadernam tudo e deu trezentos volumes - chama-se o Catálogo da Biblioteca do Congresso, que tem as fichas de todas as bibliotecas dos Estados Unidos, universitárias públicas, públicas e universitárias, porque lá nem todas as universidades são públicas, por esse sistema de colocar um limite, 1970, e xerocar as fichas. Você vê? Engraçado, porque as fichas, que agora estão em ordem alfabética, tem coisas de várias datas. Então as letras são diferentes, a maneira de escrever, tem coisa até com ortografia antiga. É muito interessante e é um modelo para o mundo inteiro.

Quando eu fiz esse trabalho, eu e muitos colegas meus com a Marilena Chauí de comprar livros para a Biblioteca, nós discutimos muito se nós íamos comprar ou não esse catálogo de trezentos volumes, porque o único que existia no Brasil dava para você consultar se você mandasse uma carta, pedisse, explicasse. O único que existia no Brasil era propriedade do Banco Safra, no Rio. Então era ótimo ter um aqui para consulta. Depois de muita discussão, resolvemos não comprar porque, com o preço do catálogo de trezentos volumes, você comprava milhares de livros, então nós desistimos, com muita dor no coração. Mas penso que fizemos bem, porque nessa altura a gente tinha que comprar o catálogo, mas hoje não precisa mais, porque está na internet, o catálogo inteirinho desses trezentos volumes, está na internet. Por enquanto é só Estados Unidos, mas você pode perfeitamente saber em que biblioteca dos Estados Unidos tem determinado livro ou revista em que você está interessado. Então, o que tem que fazer é botar pelo menos a Biblioteca Mário de Andrade e a Biblioteca Nacional na era eletrônica, quer dizer, informatizar o acervo e colocar o computador para as pessoas trabalharem porque aí a biblioteca fica uma biblioteca de hoje, não é mais uma biblioteca do passado, e as pessoas voltarão a freqüentar e voltarão a trabalhar.

Mas é assim: tem que pensar que o computador serve a Biblioteca, não é o contrário. O computador é posto a serviço da biblioteca, isso está sendo feito aos poucos no mundo inteiro e não há razão nenhuma para não se fazer aqui e, se não se faz, é por descaso. Há muita coisa boa no Brasil, atualmente, não há a menor dúvida, está tudo indo muito bem, muito para frente, mas falta dar uma mão, uma



mão eletrônica de preferência, para a Biblioteca Nacional e para a Biblioteca Mário de Andrade, porque elas são as duas melhores e maiores bibliotecas nossas. A nossa memória está nessas duas bibliotecas, não pode brincar com isso. Bom, está bom assim, chega?

AE: Professora, a gente costuma perguntar isso no final, mas...

WNG: Eu me adiantei? Eu adoro biblioteca.

AE: Já que você tocou nesse ponto da revitalização da Biblioteca, então as principais ações que ela deveria tomar para recuperar esse papel que ela tinha de catalisadora de movimentos...

WNG: Tem que informatizar.

AE: E a atualização do acervo.

WNG: Mas eu penso que poderia até informatizar como prioridade e deixar a atualização do acervo para depois, porque está perdendo freguesia a cada dia que passa, e já faz tempo isso, faz uns vinte e cinco anos mais ou menos que a Biblioteca começou a ir por água abaixo, a do Rio também, a Nacional.

AE: A Biblioteca Nacional agora foi transformada em fundação, agora, e eles estão conseguindo...

WNG: Não sei. Quando eu estive lá da última vez, há uns dois anos, eu conversei com o diretor e ele me disse que tem uma seção que já está informatizada, mas é só uma e aquilo é um mundo.

AE: A Biblioteca Mário de Andrade, a intenção é que ela se transforme também em uma fundação e que ela saia desse ninho que é a Secretaria Municipal de Cultura, dependendo sempre... Agora é departamento, melhorou.



WNG: Você acha que a Biblioteca do Congresso e a Biblioteca Pública de Nova Iorque nos Estados Unidos dependem de quê? Elas são públicas também. Não é por isso que é melhor ou é pior. Eu acho que isso tudo é propaganda, ideologia, mas enfim, achar que tudo o que é privado é bom e que o público não presta, porque o privado é bom para algumas pessoas, poucas. Mas são todas públicas, todas as que eu citei, menos as das universidades: a Biblioteca do *British Museum*, onde o Marx escreveu *O Capital*, é pública, a Biblioteca Pública de Paris, que até chama Biblioteca Pública, não é privada, de modo que não há nenhuma incompatibilidade, é descaso mesmo. Não precisa transformar em fundação, nem privatizar, não é por isso. Se a solução encontrada no Brasil é essa de fundação, tudo bem, não posso dizer nada contra, mas não é em princípio a solução...

Eu queria até lembrar o seguinte, por falar nisso, para você ver como essas bibliotecas que eu mencionei são vitais, funcionam, têm uma energia ótima e todo mundo gosta de ir lá. A Biblioteca Pública de Paris, essa maravilha do século XVIII, prédio de mármore, que fica na Rua Richelieu, ela estava informatizada, mas o presidente da república, o François Mitterrand... Os franceses têm essa mania: o presidente da república constrói uma pirâmide que vai ficar com o nome dele. Gostaria muito de que no Brasil também fizessem isso, aliás. Eu caçô dos franceses, mas olha só se não seria bom se fizessem aqui também. O presidente Pompidou construiu o *Beaubourg*, que é um imenso e maravilhoso museu de arte moderna. O Chirac, há menos tempo, fez o museu que eles chamam de Artes Primeiras, de arte primitiva, no Museu do *Quai Branly*. E o Mitterrand fez a biblioteca pública, ele fez uma filial da Biblioteca Pública, mas longe do centro da cidade, em um bairro, que é imensa e muito maior do a matriz, ocupa alguns quarteirões e com prédios de muitos andares e muito bonitos, tudo ocupado, tudo informatizado e todo mundo pega o metrô e vai trabalhar lá em *Tolbiac*, na Biblioteca François Mitterrand. Quer dizer, o que ele deixou como obra faraônica para perpetuar o seu próprio nome, a sua pirâmide, é uma biblioteca pública e está sempre cheia e está sempre funcionando. A gente precisa pensar nisso para não achar que é um problema insolúvel e que o computador obsoletizou o livro e que ninguém mais quer ler. Não é verdade. E olha que eu trabalho no computador o dia inteiro e rendo graças a Deus porque melhorou, facilitou a minha vida de uma maneira incrível. Eu sou a favor!



AE: Voltando um pouquinho a essa época em que você freqüentava a Biblioteca, eu queria perguntar, primeiro, se você chegou a usar a Biblioteca Circulante nessa época em que você já estava na Faculdade de Filosofia e, se sim, que preciosidades você encontrou no acervo que distinguia a Biblioteca, afinal de contas.

WNG: Eu encontrei tudo o que eu precisei em matéria de livro que eu precisasse para estudar. Não posso dizer para você uma coisa ou outra, mas não era só livro de consulta, enciclopédias e coisas assim, eram mesmo livros que eu precisava normalmente, um livro de sociologia, um livro de crítica literária, livros de história, encontrava normalmente. Eu queria lembrar mais o seguinte: minha irmã queria muito reler um livro vagabundo, não era nada de precisidade, mas que desapareceu. Ela não conseguiu achar no Brasil, fora do Brasil, em biblioteca, em sebo. Ela revirou o mundo para achar dois livros de um escritor americano chamado Elliot Paul, que escreveu duas jóias, um é *Aquela Rua em Paris*, que eram as memórias dele de quando ele morou lá, muito sem dinheiro, entre as duas grandes guerras mundiais, em uma rua minúscula chamada *Rue du Chat-qui-Pêche*. Depois, nós duas visitamos juntas essa rua, que fica ali no *Quartier Latin*, perto do Sena - Rua do Gato que Pesca - olha que nome lindo! Tem um quarteirão a rua, é estreitinha assim. Esse é um. O outro é um livro de viagens que ele escreveu sobre o tempo que ele passou em uma ilha espanhola, também é uma graça. São duas jóias, realmente, e ela achou na Biblioteca Municipal. Não tinha em lugar nenhum do mundo, porque é um livro perdido, foi lá que ela achou, na Mário de Andrade.

AE: Ah, isso foi recente?

WNG: Isso foi agora.

AE: E, com relação ao auditório, professora, que sempre tinha palestras, conferências acontecendo, você se recorda de alguma?

WNG: Eu me recordo das que eu fiz. Das que eu fiz, não, das que eu organizei, coordenei na gestão Marco Aurélio Garcia. Ele me chamou para organizar cursos de



literatura e eu fiz vários. De fora do Brasil não veio ninguém, porque não tinha dinheiro para pagar passagem, mas, do Brasil, vieram as maiores sumidades que você possa imaginar. Veio Benedito Nunes, do Pará, fazer uma das conferências. Podia chamar que todo mundo atendia e vinha. Eu preparei alguns cursos com as maiores sumidades que davam o curso assim... Um especialista de grego dava curso sobre Homero. Eu ia falar de Proust, o Proust ficou para mim porque eu disse: “O Proust é só eu, não dou para ninguém”. Mas, enfim, tudo o que você pode imaginar. Chamava “Clássicos da Literatura Universal”. Então os clássicos da literatura universal foram examinados nesses cursos que eu preparei e o auditório cheio todo dia, porque é uma coisa diferente, é gente que quer ouvir falar de literatura e que vai ao centro da cidade para isso, ou então está passando por ali. Tinha muita gente que estava passando por ali, gente que era “boy” e que ia assistir essas aulas que a gente fazia à noite, mas cedo, que era para o pessoal não ir para casa antes. Foi muito bom, mas, antes disso, na época em que eu era aluna e freqüentava, tinha também. Tem dois auditórios ótimos - ou é só um?

AE: É só um auditório.

WNG: Aquele no primeiro andar, não é? É excelente aquele auditório, com capacidade boa e boa acústica. Não funcionava o tempo todo, sempre por surtos, naturalmente. Chegava algum diretor lá e dizia: “Puxa, está fechado, não se usa”, daí montava algumas coisas. Sempre foi assim, mas seria bom se funcionasse sempre, não é? Está parado de novo?

AE: Por causa da reforma, agora as atividades todas cessaram. Ele está tomado por caixas, mas quando reabrir...

WNG: Sei, por latas de tintas, tijolos... Mas seria ótimo ter algo no centro da cidade assim ligado à cultura para abrir porta para o povo que quiser ir.

AE: A idéia é essa, de que, quando acabe a reforma, sejam retomadas todas essas conferências.



WNG: Esses cursos, que eu organizei, eram séries de conferências e atraía tanta gente e era um público tão entusiasmado, que queria fazer perguntas. Uma vez tiveram que apagar a luz, porque eram onze horas da noite e ninguém queria ir embora, aí os funcionários começaram a fazer a luz piscar, e eu falei: “Que bom truque!”. Daí para diante nós combinamos que às onze horas da noite se apagava a luz.

AE: Às onze da noite ainda tinha atividade?

WNG: Ainda tinha gente fazendo pergunta. E é gente que não tem acesso a esse tipo de coisa de outra maneira. Você tem que prestar esse serviço, uma biblioteca deve prestar esse serviço também.

AE: Ainda mais no centro da cidade, que é um lugar de passagem, é fundamental ter.

WNG: Exato.

AE: Só retomando novamente um pouquinho a questão da Faculdade de Filosofia, eu queria que você contasse esse momento em que você fez, porque foi quando vários professores renomados lecionaram e você poderia nos contar um pouquinho?

WNG: Olha, eu acho difícil contar seja o que for, porque a impressão que eu tenho é de que era uma maravilha e de que a gente, especialmente no ano de 1968, nós vivemos uma utopia, nós ocupamos a faculdade e aquilo era nosso e as aulas eram as que a gente queria que houvesse, a gente escolhia os professores que iam dar os temas e se ocupava a faculdade o tempo todo, mas, mesmo sem ser esse ano especial, esse ano em que a utopia se instalou lá dentro, era muito bom de estudar lá, eu adorava, até hoje eu tenho em alta conta. Eu penso que foi uma coisa fundamental na minha vida estudar na Maria Antônia. Eu estudei até bombardearem e tocarem fogo lá. Aí tivemos que ir para a cidade universitária, mas eu só saí de lá assim, a tiro, porque senão não saía.



AE: Você estava, nesse momento?

WNG: Estava lá.

AE: E como foi?

WNG: Foi um horror, você não pode imaginar. Eu estava lá dentro. Você não pode nem imaginar o que é que foi. Não gosto nem de falar nisso. Mas, de modo geral, sim, eu tive o privilégio de estudar com aqueles que foram os alunos dos professores europeus que fundaram a Faculdade.

AE: A missão francesa?

WNG: É, para o nosso caso, para as humanidades, era mais os franceses; para certas ciências, eram os alemães e, para outras ciências, eram os italianos. Então era uma missão ítalo-germano-francesa. No caso das humanidades é que eram os franceses. Então, por exemplo, eu estudei com o Antonio Candido e fui assistente dele a vida inteira, a primeira assistente. E ele é que foi aluno do Lévi-Strauss, do Roger Bastide, Fernand Braudel, esse povo todo formidável que esteve aí fundando a Faculdade. Então, eu até conheci alguns da primeira geração. O Roger Bastide eu conheci porque ele veio aí algumas vezes e depois estive com ele em Paris também. Alguns eu ainda conheci, o Paul Arbousse Bastide, que veio uma vez aí para as comemorações do cinquentenário da Faculdade. E conheci o Lévi-Strauss, mas assim, rapidamente.

Mas os meus professores... Florestan foi aluno deles, quer dizer, os meus professores tinham sido alunos desses mestres franceses. Os meus professores eram da primeira geração de alunos, vamos dizer assim. De modo que eu sempre acho que tive muita sorte e um contato muito próximo com gente muito boa. Realmente tinha professor na Faculdade de Filosofia que era de você tirar o chapéu, como esses dois que eu mencionei, o Antonio Candido e o Florestan Fernandes. Mas não eram só eles, tinha muitos outros admiráveis: Sérgio Buarque de Holanda, na História e tinha também os das ciências que era um pessoal formidável, um



peçoal idealista que acreditava no saber e no conhecimento e era sério na matéria do que fazia. Todos, não, tinham alguns que só serviam para envergonhar a gente, que foram “dedo-duro”, que denunciaram muito colega oficialmente. Até na congregação denunciaram colega para as forças da repressão, fizeram lista para expulsar gente e expulsaram de fato, na Ditadura. Não é que fossem todos anjinhos, mas havia muita gente boa, principalmente nesse corpo docente da primeira geração, que eu estou mencionando. Não sei nem por onde começar, fora esses três, que eram os mais próximos, de quem eu era mais próxima, alguns grandes cientistas que também eram professores da casa. Mas era ótimo estudar na Faculdade de Filosofia, não imagino que eu pudesse ter estudado em uma escola melhor.

AE: Mais uma pergunta, professora: que obras literárias e de sociologia você acha que seriam fundamentais para se entender o Brasil? Porque eu acho que há uns dois anos atrás o Antonio Candido mencionou *Raízes do Brasil, Formação...*, o livro do Caio Prado Júnior e *Casa Grande e Senzala*.

WNG: Ele escreveu um trabalho sobre isso, sobre esses três livros dos anos 30 que formaram...

AE: Foram basilares.

WNG: Exato.

AE: E na sua opinião, teria algum outro?

WNG: Brasileiros? O dele, *Formação da Literatura Brasileira*, que ele não põe junto porque é muito modesto, mas esse é fundamental também para se entender o Brasil. Eu trabalhei em um livro, que foi um amigo meu que coordenou, o Benjamin Abdala, lá da USP também, que se chama *Introdução ao Brasil*. Ele escolheu não sei se dez livros ou doze que ele achava que não se podia viver sem eles para se entender o Brasil e ele me deu *Os Sertões* para fazer, e eu fiz *Os Sertões*, do



Euclides da Cunha, que, na lista que ele preparou, era um dos dez ou doze livros que não se podia deixar de ler para entender o Brasil. Então, os três que o Antonio Candido privilegiou; mais o *Formação da Literatura Brasileira* dele, da autoria dele; mais *Os Sertões* do Euclides da Cunha; mais alguns dos livros do Joaquim Nabuco, por exemplo, ou *O Abolicionismo* ou *Um Estadista do Império* que ele escreveu sobre o pai dele. O que mais? O do Raymundo Faoro, *Os donos do poder*. Algum dos livros do Florestan Fernandes, talvez *A Revolução Burguesa no Brasil*. Sérgio Buarque de Holanda já tem, mas eu bem que poria mais outro, *Visão do Paraíso*. O que mais? Você lembra de algum para me ajudar refrescar a memória? Vocês se lembram de algum?

AE: Eu ia falar de *Os Sertões*, com certeza. Celso Furtado, talvez.

WNG: Alguma coisa do Celso Furtado, um livro do Celso Furtado. O que mais que pode ser? Algum livro do Darcy Ribeiro também. E acho que está bom. Alguém que ler tudo isso, não é que não precisa ler mais nada, mas vai abrir a cabeça e vai ler mais coisas. Isso é uma boa plataforma, vamos dizer assim. E já falei de literatura, sociologia, antropologia e história.

AE: Já abrangeu bastante.

WNG: Eu penso que se o pessoal de sociologia, de história e de antropologia não ler literatura, o que eles fazem fica muito empobrecido. E nós também, os de literatura, se a gente não ler um pouco de história, de antropologia e de sociologia, e economia inclusive, fica falando um pouco no vazio.

AE: Está *ok*, professora. Tinha outras várias perguntas, mas quem sabe a gente pode mandar...

WNG: Pode fazer, se você quiser.



AE: Agora relacionado a questões contemporâneas, porque você publica bastante falando da indústria cultural e de bens culturais, eu queria saber a sua opinião sobre esse *boom* de megas-livrarias, mega-stores, que também oferecem cursos de certo aprimoramento cultural, se você acha que elas estariam dando vazão a essas pressões...

WNG: Eu não entendo direito esse fenômeno. O que eu sei que está havendo é uma grande e perigosíssima concentração de capital no setor das livrarias. Então o que acontece no Brasil é que editoras estrangeiras estão comprando todas as editoras. Editora, em primeiro lugar, depois de livraria, que eu vou falar. E as normas de publicação são muito diferentes, porque eles não gostam de arriscar em coisas não muito ortodoxas. Então a margem de criatividade e de coisa mais original brasileira fica muito reduzida com essa concentração de capital e o fato de que todas as nossas editoras estão sendo compradas por grupos editoriais estrangeiros, multinacionais do livro. Estão fechando as editoras no Brasil também, algumas estão fechando e outras sendo compradas por esses grandes grupos. E aí vem as livrarias junto. Isso você vê também fora daqui, na Europa, nos Estados Unidos, lá também está acontecendo esse fenômeno. A FNAC é francesa, inventaram a mega-livraria lá. A *Virgin Megastore* é americana, mas também tem em Paris, em Londres e também tem em outros lugares. E eu não sei o que dizer.

E uma coisa chata que acontece nessas livrarias, que podem ser maravilhosas como a FNAC² de Paris, é que você perde muito o contato direto com o livro. Uma livraria de velho estilo, menor, que ainda tem muito no Brasil, em Paris tem mais do que aqui, tem um monte de pequenas livrarias maravilhosas; a graça de uma livraria é que você pode entrar e mexer nos livros. Você não sabe se vai comprar, mas você folheia um, folheia outro, não é proibido, e sempre tem alguém, ou deveria ter, pelo menos alguém que entende de livro, que gosta de livro e está ali para te ajudar e, nessas “mega”, não tem nada e, se você pedir informação, você geralmente é maltratado. Eu tenho essa experiência em vários lugares. Eu tenho a impressão de que não é para quem gosta de livro, é mais para quem considera o

² FNAC: Fédération Nationale d'Achat des Cadres, grupo formado na França, em 1954, como uma associação de compradores.



livro uma mercadoria porque está na moda, porque tem propaganda e você acaba caindo sempre na coisa do mercado. É só naquilo em que o mercado está investindo. Eu não compro de raiva, mas as pessoas acabam comprando porque sai *press release* dizendo que é bom, que é importante e as pessoas acabam comprando, nem sei se acabam lendo direito. Mas isso é um fenômeno mais ou menos universal, não é só no Brasil que isso está acontecendo. Eu não sei no que vai dar, não. Encaro com apreensão, mas também com otimismo, achando que tem lados muito bons e quem sabe sai tudo pelo melhor. Pode ser, não pode?

AE: E a crítica literária hoje, professora?

WNG: Que crítica literária? Não tem mais crítica literária. Tem *press release* de um lado e de outro tem eventuais artigos. Eu escrevo muito para jornal e revista, mas o que aconteceu foi que o jornal era muito mais literário do que é hoje. Eu trabalhei com os jornais da Guerra de Canudos, coisa de cem anos atrás, cento e poucos anos atrás - o que era literário aquele jornal! Tinha poesia em francês em todo jornal, tinha peça de teatro, tinha conto em francês. Era impressionantemente voltado para a literatura. Hoje não, a literatura foi embora dos jornais. Tem um ou outro suplemento que não é mais literário, é suplemento cultural. Se você pega esses suplementos culturais, na primeira página tem *rock and roll*, na segunda página tem moda. Cadê a alta cultura? Cadê a literatura? Às vezes tem, às vezes não tem. Mas foi um movimento relacionado com o desenvolvimento do mercado também. E olha que eu escrevo muito para jornal e revista, eu posso falar tranqüila. Não rejeito, não desprezo, trabalho dentro desse sistema, mas realmente o peso do *press release* é muito grande. Quase tudo que se refere à literatura e à cultura é *press release*, de modo que não orienta a pessoa, não. Pelo contrário, obriga a comprar. Isso é uma coisa complicada.

Quando se pensa que o Antonio Candido, quando começou, era crítico literário de jornal; uma vez por semana ele escrevia o que chamava rodapé, o que era um artigo, muitos estão reunidos nos livros dele. Você precisa ver o nível! E não era só ele, tinha o Sérgio Milliet, que foi tantos anos diretor da Biblioteca Mário de Andrade, tinha o Otto Maria Carpeaux, tinha o Álvaro Lins, tinha o Tristão de Ataíde,



quer dizer, eram uns monumentos de cultura, de erudição, de inteligência. Esses caras escreviam uma vez por semana para o jornal. Eles escreviam sobre livros novos, eles tinham que saber tudo o que estava acontecendo no mundo inteiro, tinham que ter lido todo o passado para poder fazer uma crítica de julgamento, de avaliação daquele livro que tinha acabado de sair. Não era *press release*, era orientação do leitor. Olha só a responsabilidade. Agora o Antonio Cândido diz: “Bom, também quando eu era crítico de jornal sobre que livros novos eu fui obrigado a escrever? Os livros do Guimarães Rosa, os livros do Graciliano Ramos, os livros do José Lins do Rego, os livros do Carlos Drummond de Andrade, do Manuel Bandeira.” Eu escrevi crítica semanal sobre esses livros que estavam saindo também.

AE: Que agora para a gente é clássico. Naquela época estava no calor da hora.

WNG: Pois é, incrível! Isso que estou descrevendo para você desapareceu realmente.

AE: Naquela seu livro *As Musas do Assédio...*

WNG: Boa parte do qual escrevi na Biblioteca Mário de Andrade.

AE: É mesmo? Que legal! No comecinho do capítulo dois, você está dando um panorama sobre a prosa naquele momento, você começa falando do Rubem Fonseca. No final do ano passado o Rubem Fonseca publicou um livro que se chama *O Romance Morreu*, não sei se você chegou a ler. E eu li que ele acredita que o romance nunca vai morrer porque o autor se apega à sua própria obra. Mesmo que ele não tenha um leitor, o romance está garantido. Queria saber o que você acha.

WNG: Não li, não... Depende... porque os gêneros literários nascem, vivem e morrem. Eles morrem. A tragédia grega morreu e vários outros. Eu posso te dar o exemplo de vários outros que morreram. Os gêneros literários têm uma vida muito

amarrada ao destino da sociedade que lhes deu a luz, vamos dizer assim. O primeiro romance da história é o *Dom Quixote* de mil seiscentos e pouco, porque o romance é uma forma criada pela sociedade burguesa. O romance vai morrer, a sociedade burguesa vai morrer, assim como ela nasceu. O *Dom Quixote* está nascendo junto com a sociedade burguesa que também está nascendo, ela ainda vai levar bem uns duzentos anos para derrubar a aristocracia e para a burguesia tomar o poder, e o que é feito na Revolução Francesa, vai demorar ainda, não é logo. Então o romance vai morrer, aliás, toda hora ele dá sinais, mas não vai morrer antes dessa forma social que lhe corresponde, isso não, mas vai morrer. Ele não existia há quatrocentos anos e a história da literatura tem uns cinco mil anos de idade, quer dizer, o que não existia, vai existir. A epopéia também morreu, não tem mais *Ilíada* e *Odisséia*, a epopéia em versos acabou e acabou há muito tempo, não foi agora. Então as formas são perecíveis, vamos dizer assim. As formas literárias, como as formas sociais também ou as formas artísticas. Não está morrendo agora, com certeza.

AE: Seria possível então que nessa era de computadores e internet surja uma nova forma literária?

WNG: Pode, é muito possível. Eu já pensei nisso várias vezes também, tentando adivinhar como seria, mas é muito possível que haja uma fertilização da computação com a escrita, com a literatura, que daqui a pouco pode começar a surgir. E eu acho que já há tentativas tateantes nesse sentido, mas talvez venha daí a coisa nova.

AE: E livros que a senhora revisita, que está sempre relendo?

WNG: *Em Busca do Tempo Perdido*, do Proust, que é meu livro predileto, e tem a grande vantagem de ter sete volumes. Quando me perguntam assim: “Que livro levaria para uma ilha deserta?”, eu trapaceio imediatamente, eu digo: *Em Busca do Tempo Perdido*, porque são sete”.

AE: Já vem com vantagem...



WNG: Já vem com vantagem. Eu estou sempre lendo e relendo Guimarães Rosa e escrevendo sobre ele também, e sempre com grande encanto. O que mais? Não sei. Esses dois está bom, não está? Jorge Luis Borges é outro que revisito muito também. Veja que eu não citei nenhum de poesia. De poesia, O Carlos Drummond de Andrade é um que eu revisito sempre. Aliás, mandei um poema dele por e-mail hoje para uma revista, hoje mesmo eu fiz isso à tarde. Eu gosto muito de poetas estrangeiros, então estou sempre lendo e relendo alguns deles. O T. S. Eliot é um de quem eu gosto muito e revisito habitualmente, saiu recentemente uma tradução preparada pelo Ivan Junqueira. Até naquela série de conferências que eu organizei na Biblioteca, ele veio do Rio falar sobre T. S. Eliot, ele é o presidente da Academia Brasileira de Letras, e ele traduziu a obra completa, o que é uma maravilha. Eu revisito muito os gregos, as tragédias e os épicos também, eu gosto muito. Fora o T. S. Eliot, qual é outro poeta de que eu gosto muito? Eu gosto dos americanos, de poesia de língua inglesa. Tem um poeta que eu adoro que é o Rimbaud, esse eu estou sempre lendo e relendo. Rimbaud e Baudelaire, desses dois eu gosto muito. E alguns norte-americanos como o E. E. Cummings, o Walt Whitman e o Wallace Stevens, esses eu gosto e revisito. Está bom assim?

AE: Está ótimo! Mais alguma coisa, professora?

WNG: Não, acho que não. Eu acho que falei demais. Eu não gosto muito de dar entrevista, de dar depoimento, de falar de mim, essa é uma coisa que sempre me encabula um pouco. Então está bom, já falei demais.

AE: Então está ótimo, professora. Muito obrigada por sua atenção.

WNG: Eu é que agradeço a distinção de me escolherem para dar um depoimento e a atenção de ter vindo até aqui em casa para me ouvir como se o que eu dissesse tivesse algum interesse.



AE: Mas de todos os depoimentos foi o primeiro que deu esse panorama das bibliotecas, porque as pessoas contam muito da sua relação com a Biblioteca Mário de Andrade, mas...

WNG: Cutuca, começa a cutucar para pensar no futuro da biblioteca, do ser biblioteca no mundo inteiro, qual é o futuro, o que se pode fazer, qual é o interesse para a humanidade. Gosto muito de biblioteca, de biblioteca e de livro. Ah, que coisa boa, não é?

